

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Dezembro 2018

GUIA DE LEITURA

PIANISTA DE HOTEL – Rodrigo Guedes de Carvalho

Rodrigo Guedes de Carvalho

Biografia: RODRIGO GUEDES DE CARVALHO nasceu no Porto, a 14 de Novembro de 1963. Licenciado em Comunicação Social, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, profissionalizou-se na RTP. Atualmente é subdirector de Informação da SIC. Em 1997 recebeu o Prémio Especial do Júri do Festival FIGRA, em França, pela reportagem *A condição humana*, sobre as urgências hospitalares.

Em 1992 estreou-se na escrita, com o romance *Daqui a Nada*, vencedor do Prémio Jovens Talentos da ONU, conhecendo uma reedição pela Publicações Dom Quixote, em 2005. Nesse ano lançou o best-seller *A Casa Quieta* e assinou o argumento da longa-metragem *Coisa Ruim*, co-realizada pelo seu irmão Tiago Guedes. É ainda autor de *A Mulher em Branco* (2006), *Canário* (2007) e *O Pianista de Hotel* (2017).

Sinopse de *Pianista de Hotel*:

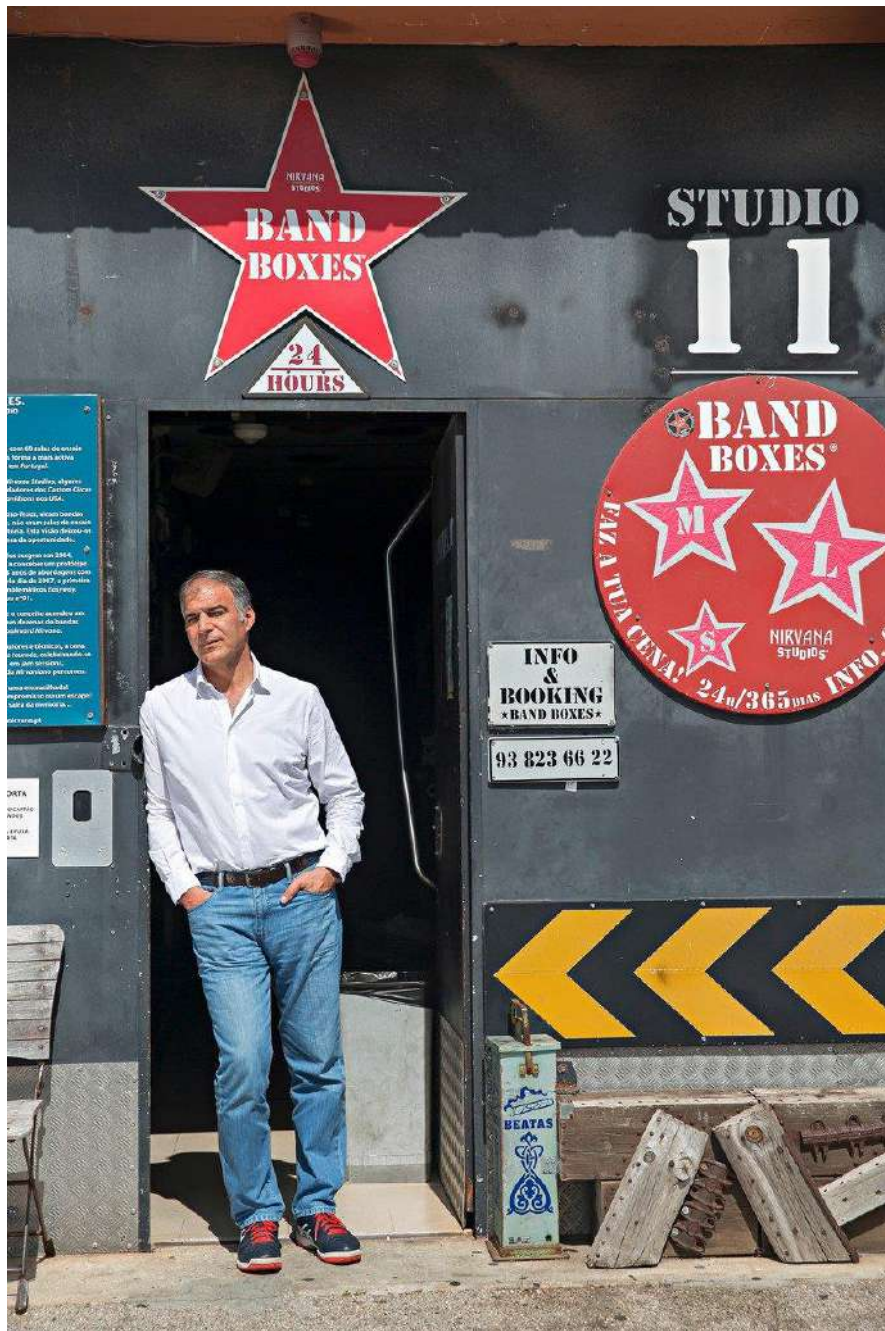


O Pianista de Hotel transporta-nos numa melodia. É uma entrada para um mundo regido pela linguagem da música, pela sua força e beleza, presentes no ritmo de cada frase, de cada parágrafo rigorosamente medido. Livro em camadas, nele se cruzam diversos planos, diversas histórias perpassadas pelo poder redentor da música «que entra e rasga», a solidão, a dor e o vazio das pessoas que habitam nestas páginas. Com um vasto subtexto, a densidade das personagens está carregada de mistérios que nos prendem a sucessivas interrogações. Há um pouco de nós em todas elas. Há muito de nós neste mergulho ao mais fundo da alma humana. É um romance que se lê e ouve, que mantém todos os sentidos alerta. Uma pauta musical, com andamentos diversos, que acabam por se cruzar numa vertigem imprevisível de autêntico thriller psicológico.

E, depois, há o pianista...

Vencedor Prémio Autores SPA - Melhor Livro de Ficção Narrativa

Rodrigo Guedes de Carvalho ao Expresso: “Odeio os medíocres. Hei de escrever sempre contra eles” 06.05.2017



PESSOAS. Rodrigo Guedes de Carvalho assume que é acima de tudo um leitor de pessoas, e é sobre elas que diz querer escrever sempre | fotos JOÃO LIMA

O pivot da SIC é o autor do romance “Pianista de Hotel”, que tem lançamento marcado para 16 de maio. Sobre a solidão e a ausência, tem a música como fio condutor. Um princípio de conversa que levou o jornalista a assumir angústias e desejos

Alexandra Carita

Não, Rodrigo Guedes de Carvalho não vai formar uma banda nem vai passar a tocar guitarra por aí. Mas o hobby da música está cada vez mais aceso numa vida de corrupção

em que relaxar se tornou indispensável ao seu equilíbrio. E é a própria música, a que voltou a entregar-se depois de o filho Rodrigo decidir seguir a carreira de baterista, que serve de fio condutor ao seu mais recente romance, "Pianista de Hotel", que o Expresso já leu e que serve de ponto de partida para a entrevista em que o pivô da SIC fala de jornalismo, do futuro e do passado e da sua vida privada, no estúdio que tem alugado ao mês bem perto de Queijas.

A música é muito importante para si. Que paixão é essa?

Foi a minha primeira paixão. Quis aprender guitarra por volta dos 9 anos. Em casa, nessa altura, estava-se a viver o grande boom da música dos anos 70. E eu fazia playbacks. É preciso ver que os meus pais tiveram-me muito cedo e que fui filho único durante bastante tempo. De certa forma, fui o irmão mais novo do meu pai. A minha infância foi por isso passada entre adultos, os meus tios incluídos. Havia muita música, muitos discos. Tudo isso mexia comigo, e apaixonei-me.

Chegou a ter aulas?

Sim. Pedi à minha mãe, e ela procurou alguém que me ensinasse. Era uma antiga professora do Conservatório, velhinha. Eu ia às aulas sozinho, e aquilo correu mal. A senhora era muito exigente, eu aprendia guitarra clássica pura e dura, quando queria era tocar rock. Chegou um momento em que não aguentei mais, porque ela batia-me com uma vareta nos dedos quando eu falhava uma nota. E, um dia, antes de entrar em casa, parti a minha guitarra. Jurei que nunca mais tocaria.

Mas continuou a ouvir música.

Sim, muita e ao longo de toda a minha vida. Depois, mais tarde, a vida apanhou-me, porque tive um filho que desde cedo quis ser músico e aprender música. Através do diálogo com ele ressurgiu a minha própria paixão.

Ele foi influenciado por si?

Claro que foi. O meu filho tem hoje 25 anos, mas a grande paixão dele são os Led Zeppelin. Portanto, bebeu muito de mim e da música que eu ouvia. Os filhos vão beber mais às nossas ações do que aos nossos sermões.

Os filhos mudam uma vida?

Sem dúvida. Acho que é literalmente a zona de fronteira da nossa vida. Ter filhos trouxe-me duas coisas: descobrir a capacidade, para mim inquestionável, de dar a vida por alguém e, por outro lado, potenciar os nossos medos. O medo da perda, a nossa própria mortalidade, torna-se um assunto mais importante. Uma das coisas que achei estranho depois de ter filhos foi passar a ter medo de andar de avião. É pura e simplesmente porque há qualquer coisa que nos diz que a nossa mortalidade os vai afetar.

Os seus filhos já são crescidos.

Sim, têm 25 e 23 anos. Estou muito feliz, porque eles têm percursos académicos bastante diferentes, a Benedita com muito sucesso, o Rodrigo sem sucesso nenhum.

Mas o meu grande orgulho é o facto de serem boas pessoas. Cada vez mais aprecio as boas pessoas, que vão rareando.

A família é para si um laço que não se quebra?

A família é muitíssimo importante. A minha desintegrou-se de alguma forma com a morte do meu avô. Ele era o agregador da vida familiar. Era o elo que unia toda a gente e tudo se passava em casa dele. Quando ele morreu, em 2005, aconteceu o que pressenti que ia acontecer: não havia na família outro patriarca natural, e a vivência em família desapareceu. O que me magoou imenso. Ainda hoje trago essa dor. Estou a tentar, agora, com os meus filhos, que a nossa relação de proximidade não se quebre nunca.

De qualquer forma, tem uma ligação forte com o seu irmão, Tiago Guedes, com quem já trabalhou em projetos conjuntos, por exemplo nos filmes "Coisa Ruim" ou "Alta Fidelidade", sendo seu argumentista.

E até mais. Estamos a falar de cinema, e no cinema, por cada dois projetos que se conseguem, há cinco ou seis que ficam na gaveta por falta de financiamento. Mas, sim, dou-me muito bem com o meu irmão, apesar de termos uma diferença de idades de quase uma geração. São oito anos: quando ele tinha 12 e estava a brincar na escola, eu tinha 20 e estava na faculdade a beber copos e a apanhar bebedeiras. Encontrámo-nos mais em adultos. Não fazia a mínima ideia de que ele seguiria uma área artística. Isto apesar de termos passado a vida a ver filmes, a nossa mãe é uma grande cinéfila. Ele, miúdo, cresceu encostado a mim a ver cinema. Não estranhei depois que quisesse ser realizador.

Foi uma descoberta para si a escrita do argumento? Como é que chegaram à conclusão de que um poderia trabalhar com o outro?

Foi ele quem me desafiou. De facto, escrevi o meu primeiro livro com 20 anos, "Daqui a Nada". Ele sabia que eu escrevia e que queria continuar a fazê-lo. O Tiago começou na publicidade como copywriter, mas sempre teve o sonho de ser realizador. Sabia que queria realizar, mas não sabia o quê. Foi confrontado com a importância de ter uma história para contar e foi aí que me desafiou. Percebi a lógica dele, mas nunca acreditei que uma pessoa que escreve romances, literatura, poesia, fosse necessariamente um bom argumentista. Nada nos garante que, se Saramago tivesse sido convidado a escrever um argumento para cinema, o tivesse feito. Há toda uma técnica que aprendi, mas esse passo não era lógico. Aceitei o desafio, e dois já foram filmados, faltam mais alguns que temos na calha.

E a escrita, foi uma necessidade ou uma paixão?

Comecei a ler cedo, e ninguém me disse para ler. Havia muitos livros em casa do meu avô. Eu era uma criança fechada, introspetiva, sem que isto signifique qualquer sofrimento. Gosto da minha solidão e não a vejo como algo mau. Num mundo de adultos, via-os a ler, tinha livros à disposição e comecei a ler. De repente, estava apaixonado pela leitura. À medida que fui crescendo, surgiu pelo menos a interrogação:

conseguirei ser mais do que um leitor?, conseguirei fazer esta arte de que tanto gosto? la arranhando umas coisas e sempre tive elogios das professoras de Português, a redação era o que gostava mais de fazer - era quando ensaiava perante os outros saber se gostavam da forma como escrevia. Mas obviamente que quando se é adolescente a escrita é imberbe, a maturação não existe.

O que lia então?

Lia os clássicos que o meu avô tinha. Lembro-me de que os primeiros romances que li foram do Vergílio Ferreira e do José Cardoso Pires. A minha introdução à poesia não foi com Fernandos Pessoa ou coisas do género, como fica muito bem dizer, mas sim com o poeta de que o meu avô mais gostava, José Gomes Ferreira. Estranhei, mas depois tudo começou a fazer sentido. Tal como a música, a poesia fazia tinir qualquer coisa que não sabia identificar. Recordo que teria talvez 14 anos quando li o primeiro romance que mexeu comigo, no sentido de me fazer questionar como era possível que uma coisa que são apenas letras impressas num papel me abanasse tanto. Foi "Servidão Humana", do Somerset Maugham, um livro grande, espesso, que me fez sentir coisas, angústia, asco, expectativa... Quando acabei o romance, fiquei fascinado com a quantidade de sensações que um livro me podia transmitir. Esse desejo de querer escrever e provocar sensações nas pessoas ficou guardado em mim.

Não demorou assim tanto tempo...

Não, não demorou. Mas é nesse interregno que o António Lobo Antunes assume uma importância vital para me fazer arrancar. Um tipo lê o Vergílio Ferreira, o Somerset Maugham, o Graham Green, o Joseph Conrad, o Scott Fitzgerald, e há ali um peso institucional para uma criança, que considera aquilo inalcançável. "Isto são senhores que sabem muito..." E um belo dia a minha mãe traz para casa o "Memória de Elefante". Li-o de rajada e tive uma sensação que nunca soube descrever e que encontrei recentemente num documentário sobre as entrevistas do Truffaut ao Hitchcock, quando o intelectual francês decide mostrar a grandiosidade do cineasta, considerado até ali como um homem de filmes fáceis. Nesse documentário, há vários realizadores que falam sobre o Hitchcock, um deles é o Martin Scorsese, que diz exatamente aquilo que senti quando li o Lobo Antunes: "Andava à procura de fazer filmes, estava esmagado pelos grandes mestres, descobri o Hitchcock e percebi que aquilo se podia fazer." Uma certa transgressão e um sentido que tem mais a ver comigo e com o novo tempo. Quando me dou conta daquela escrita nua, confessional, na primeira pessoa... desse abrir de alma e daquela forma de escrever aparentemente simples, mas cheia de nervo e de sangue, pensei o mesmo que o Scorsese. Isto pode fazer-se.

O Lobo Antunes também é um mestre.

Sim. Mas na altura não era. Estávamos perante um novo escritor português. E é a reboque do Lobo Antunes que me vem a vontade de experimentar, de ver se conseguia, já que se podia ir para aquela escrita despojada e cheia de sentimentos e que não estava nos romances que admirava em termos de linguagem. Foi, de facto, o motor para eu arriscar a escrever. Foi assim que nasceu o "Daqui a Nada".

Passou muito tempo até escrever o segundo livro, "A Casa Quieta", porquê?

Porque se meteu aquilo a que chamo a vida. Meteu-se a faculdade, os namoros, o casamento, o filho, a procura do emprego...

O jornalismo aparece por coincidência ou por vocação?

Não foi vocação. Sabia que tinha de tirar um curso superior, porque era um desígnio de família. Somos da média, alta burguesia portuense, mas sem muito dinheiro, temos pergaminhos e pelos vistos sangue azulado e nada mais. Uma das coisas que o meu avô sempre inculcou nos filhos foi a necessidade de tirar um curso superior como uma defesa para a vida. Quando estou a acabar o liceu, entro numa angústia enorme em relação à cidade do Porto.

Sente-se fechado?

Sim, bastante fechado. Já lia muita coisa, via muito cinema, percecionava a quantidade do mundo que existia e queria um pouco desse mundo. Olho à minha volta e vejo que, dentro das minhas características, o curso que me serviria era Direito. Penso no futuro e imagino-me a tirar o curso no Porto, a casar, a exercer advocacia na cidade... Era um destino que não me estava a apetecer ter. E a minha prioridade passou a ser sair do Porto.

Surge então a comunicação social?

Exato. Quando me fui inscrever para a faculdade, vejo que há um curso superior de Comunicação Social, e só há em Lisboa.

Era a desculpa perfeita?

Nem mais. Mas depois tive de passar pela justificação da escolha perante o meu avô.

"Que raio, o que é e desde quando há um curso de Comunicação Social?" Os meus pais compreenderam que eu quisesse sair do Porto, apesar de se ter colocado a questão financeira. Fui para Comunicação Social para experimentar outros mundos, conhecer outras pessoas. Já sentia algum tédio em relação às conversas que tinha com os meus amigos, era sempre a mesma coisa, andávamos à volta das mesmas pessoas e dos mesmos temas. Depois é que comecei a pensar para que serviria o curso e pensei seguir publicidade, criar outros mundos...

A chegada a Lisboa foi um marco?

Foi. Lembro-me perfeitamente do meu primeiro dia na faculdade, 5 de novembro de 1983. Ainda não tinha 20 anos e chego no seguimento de uma adolescência inteira dedicada ao desporto, rugby. Tinha um cabedal impressionante, vestia uma t-shirt dos Led Zeppelin preta e entrei na sala. Os meus queridos colegas eram pessoal da barbicha, da boina, da maleta de couro à tiracolo, aquilo que se costuma associar à ideia do intelectual... A coisa foi de tal maneira que no primeiro dia ninguém falou comigo. No



segundo dia, o Celso Filipe, jornalista e alentejano de Grândola, convidou-me para beber uma cerveja. E, claro, percebeu quem eu era. A dez metros tenho um ar fechado, talvez seja uma defesa, mas assim que falam comigo sou alguém absolutamente normal. A partir daí foi fantástico.

Quando é que percebeu que queria seguir jornalismo?

Foi o jornalismo que me escolheu de uma forma muito pragmática. Estou no último ano e sei que a RTP vai abrir vagas no seu centro de formação. Havia lugar para 24 formandos, e eu sou um dos que é selecionado. É nesse curso que conheço a Cândida Pinto, a Márcia Rodrigues, a Margarida Pinto Correia... Durante o curso, eu e a Cândida demos nas vistas, nas provas finais fizemos uma entrevista ao Carlos Pinto Coelho, que gostou de nós e começou a passar palavra. Deram-me oportunidade para fazer um estágio na editoria de desporto, e tudo começou por aí, a conhecer os meus ídolos, o Ribeiro Cristóvão, o Gabriel Alves, o Rui Tovar... O resto é história. Quando dei por ela, já não havia tempo para perceber o que é que queria ser. Em 1991 surgiu o convite do Emídio Rangel, que praticamente me triplicou o ordenado, e eu fui para a SIC, até hoje.

Como jornalista, o que mais o preocupa?

Preocupa-me sobretudo o jornalismo. Acho que estamos muito dentro da máquina de lavar para percebermos o que se está a passar. É preciso algum tempo, algum afastamento. No entanto, creio que já não é possível alhearmo-nos deste fenómeno das redes sociais e da comunicação absolutamente global e arbitrária. No Grupo Impresa, o Balsemão acordou cedo para a necessidade de acompanharmos as novas tecnologias, disse sempre que é preciso lá estarmos. Percebo-o perfeitamente, embora ache que a televisão, tal como existe hoje, não vai terminar. Mas, sim, temos de estar atentos ao que se está a passar nesse mundo. Mas a minha pergunta é se o jornalismo que estamos todos a fazer não está ao contrário, ou seja, completamente contaminado por esse mundo? Estamos a ser vítimas tantas vezes das fake news... Em televisão, tenho sempre medo da pressa e da urgência, que por vezes são más conselheiras. Tomam-se decisões porque determinada notícia já está em todo o lado, e acho que esse não deve ser o nosso único critério. Esta febre da rapidez com que temos de fazer as coisas, porque temos de acompanhar o que está a dar, merecia uma reflexão profunda de toda a classe. Sempre tentei estar na minha profissão com a maior seriedade possível, apesar de achar que o jornalismo, por tratar só da realidade, é uma caixa demasiado fechada para mim, daí o escape da criação, e essa seriedade deve ser o farol. No dia em que vier um press release do Partido Socialista para o meu computador e eu o puser tal e qual esvaziei a minha própria profissão. A nossa ação de mediação tem de existir a bem do público. Não nos podemos demitir dela. Sobretudo num momento em que estão a acontecer coisas como Trump, Erdogan, Kim Jong-un...

Falou na necessidade de um escape, da criação. Não teve medo de arriscar quando decidiu escrever?

Tive um medo terrível. Perante o produto acabado, a sensação é terrível. Entram literalmente nos nossos ombros o anjo e o diabo. As pessoas só podem ser hipócritas se

ao acabarem uma coisa, que revêm com cuidado, disserem que não gostam do que fizeram. Gostam naturalmente do que fizeram. Mas ao mesmo tempo o diabo diz assim: "Olha que as pessoas vão dizer que isto é uma merda."

Esse diabo não se torna mais firme devido ao facto de ser uma figura pública? Como lida com isso?

Não me lembro de não ser figura pública. São 31 anos, não me lembro. É uma condição que me é natural. Aprendi a lidar com isso muito cedo. Não é stressante, mas tem algum peso saber que não posso estar em nenhum momento completamente relaxado. As pessoas olham para a maneira como me visto, para a minha atitude, se disse boa-tarde ao empregado do café ou não disse... Estou sob escrutínio total.

Quer dizer que separa completamente o mundo do jornalismo do da escrita?

Exato. Há jornalistas que acabam por escrever sobre a sua matéria ou sobre a sua profissão. Mas, no meu caso, não há nada no meu universo da escrita que derive da minha profissão. É verdade que toda a gente me conhece, mas aquilo que escrevo é uma coisa que as pessoas vão perceber, para o bem ou para o mal, quando se dispuserem a ler. Se me disser que há uma franja de leitores que compra o meu livro porque me conhece e que depois tem um baque e larga aquilo porque não gosta ou não se interessa porque não estou a contar o que acontece nos bastidores da SIC, admito que sim. Tenho de confiar no julgamento das pessoas.

Mas cada pessoa tem uma ideia diferente de si.

Como é óbvio. E neste livro falo um pouco disso. O nosso corpo chega sempre aos outros antes de nós. Isso é absolutamente verdade e é tão esmagador que não posso pensar nisso. Se pensar que impressão têm de mim, dou em maluco.

Essa condição não pode ser prejudicial?

Sim. Muitos jornalistas que se ocupam da crítica veem a figura pública como algo negativo, pejorativo até. Mas é curioso, ainda ontem estava a ver um ranking sobre as pessoas mais famosas do país, e a pessoa mais famosa do país é o xodó da intelectualidade portuguesa, o Ricardo Araújo Pereira. À frente do Ronaldo e do Marcelo. O Ricardo Araújo Pereira lança um livro e não há uma referência à figura pública. Mas na maior parte das vezes, quando se fala em figura pública, tenta-se associá-la a uma certa mediocridade.

É disso que foge?

Não fujo nem deixo de fugir. Mas não admito que isso seja colado à criação que produzo. Vejo nos escaparates livros de figuras públicas que confessam até nas entrevistas que os escreveram a convite das editoras, que querem cavalgar o facto de elas serem figuras públicas. Então escrevem sobre a sua experiência de vida, ou sobre a D. Leonor de Lencastre, ou um livro de autoajuda, ou seja o que for, mas a forma como chegam ao produto livro nasceu apenas dessa condição pública. Eu sou o jornalista, ponto. E eu sou o romancista, ponto.

O romancista vive um ato solitário, contrário ao do jornalista. Sente-se melhor nessa condição?

Sem dúvida. E, nesta altura, a um ponto quase clínico. Estou com 53 anos, quase 54, mas desde criança comunguei com os adultos de uma entrada precoce nas preocupações do mundo. O mundo preocupa-me, sou muito angustiado com o que vejo.

Este livro, "Pianista de Hotel", é uma prova cabal dessa preocupação.

Sim. Tenho uma relação estranha com a psiquiatria e com a psicologia, e acho que vou continuar a escrever sobre isso. Sou cáustico e cínico com as profissões que lhes estão associadas. Não acredito e já várias vezes pensei recorrer a elas. Pensei estar num ponto de angústia tal que precisaria de ajuda. Nunca o fiz porque escrevo. Escrever está a substituir isso muito bem e com a vantagem de evitar qualquer tentação que tivesse de recorrer a uma terapia para serenar a minha inquietude sobre o mundo.

O livro, porém, avança muito pela psicologia de cada personagem. Há sinais óbvios de depressão, de solidão, de inquietação e, ao mesmo tempo, a narrativa avança em tom de suspense com as histórias cruzadas que cria e com uma estética que fura a sintaxe. O que há de si neste romance?

Há muito. Não pensei na forma do romance, comecei a escrevê-lo e depois reparei que faço pela primeira vez a figura do narrador clássico.

Você é o grande narrador que deixa que as pessoas falem...

Exatamente. Nos outros livros não. Talvez seja uma escola antoniana em que as personagens interpelam diretamente o leitor, tudo é escrito na primeira pessoa, há uma exposição total. E, nesse sentido, as personagens são mais claras quanto ao que são e ao que sentem. Neste livro, o meu papel alterou-se, sou o narrador e estou entre o leitor e as personagens, estou sempre a chamar a atenção para isto e aquilo, mas nunca justifico o porquê.

Há uma razão para isso?

Porque sou totalmente contra a arte demasiado exposta e explicativa, é a chamada arte para totós. Eu tenho de deixar espaço para o leitor fazer a sua leitura, literalmente. Limito-me a fazer a ponte.

Além disso, há uma ligação constante entre o passado e o presente, entre os vivos e os mortos... É um livro sobre a ausência. Concorda?

Sim. E sobre a solidão também, e iria até mais longe, é um livro com passagens violentas e um livro que tem filhos da puta. É que eu muitas vezes escrevo contra. Materializo os meus medos e os meus ódios. Quando escrevo, desenho um saco de boxe onde possa dar murros.

Há também o aflorar de vários crimes, assédio, violação, pedofilia...

É isso, e é tudo muito violento, muito cru e muito rápido. É o tal escrever contra, como acho que acontece aos grandes escritores e aos grandes cineastas. Nos meus livros, estes filhos da puta têm de estar lá. Eles são fortes do ponto de vista dramático e preciso de lhes dar porrada porque os odeio. Odeio os medíocres, os dissimulados, e hei de sempre escrever contra eles. Vão estar lá feios como são, com as suas ações terríveis e com os nomes todos, com o foda-se e o caralho... É assim que os quero lá.

Mas depois há o contraponto com as outras personagens, que acabam por ser as vítimas.

Depois há o contraponto. No limite, a apetência máxima de todo o criador é o belo. Ansiamos pelo belo, queremos viver rodeados pelo belo, o sublime, o arrebatador.

Fala da perfeição?

Não, tudo isto são palavras ligadas ao amor, não à perfeição. No fundo, estamos sempre a escrever sobre duas coisas: amor e morte. Não escrevemos sobre outra coisa.

Este livro é claramente o amor e a morte.

Sim. É a ânsia de um e o medo de outro. É uma história de amor. O amor é uma força arrebatadora que nos faz superarmo-nos, esquecermo-nos de nós. Podemos senti-lo por um familiar, por um amigo, por uma causa, por um animal...

Que ideia quis dar ao leitor com a arquitetura do livro, construído quase como um puzzle?

Quis dar a ideia de que há um comboio a partir da estação A e outro que está a partir da estação B. O que é que vai acontecer? Como nos exercícios de matemática.

É uma escrita cerebral.

Apenas no sentido em que determinei que o percurso seria este. Não posso escrever ao deus-dará. De facto, depois de escrever 30 páginas, escrevi o fim do livro. Gostei daquele tom mais confessional, mais do escritor do que do narrador. E a seguir fui então ligar as duas partes. Sabia onde queria chegar.

Aqui temos uma profusão de personagens que têm na música o elo de ligação. A música que surge como uma espécie de harmonia, de equilíbrio ou até de salvação para cada uma delas. É propositado?

A música aqui nasce da minha grande paixão. Mas também por ser um elemento dramático de tão indizível. Ela entra aqui acima de tudo por via de uma experiência pessoal. Um dia estava no Chiado e vi um puto a tocar violino muitíssimo bem, e ninguém lhe estava a ligar nenhuma. "Porque é que as pessoas não estão a escutá--lo?", interroguei-me e decidi que era sobre isso que ia escrever.

A música no livro é mais do que isso, é um refúgio.

Certo. E isso tem a ver com o seu lado sensorial. A felicidade que seria criarmos sem nada, sem precisarmos de escrever uma única palavra, sem precisarmos de dar uma única pincelada num quadro. Preciso de trabalhar para provocar uma sensação, o pintor

também, mas o músico toca um acorde de Mi menor e arrepiamos. Essa quase inveja do poder da música foi o que tentei pôr no papel. Escrevi sobre o escape sensorial que se traduz no belo que a música transporta.

Escreve no livro que "os escritores não têm de sentir nada, ou querer significar nada, têm é de escrever". É assim?

É. Li recentemente uma entrevista do Bruno Vieira Amaral em que ele dizia o mesmo: se és escritor, senta-te e escreve. O que ele quer dizer é que não podemos arranjar desculpas. Temos é de pensar em provocar no leitor um sentimento. O problema é que as estantes das livrarias estão cheias de livros que não são literatura. A literatura é uma estética.

E tem muito cuidado com isso...

Sim. A minha estética literária é para provocar uma visão cinematográfica. Não classifico como literatura um trabalho que não aposte na estética. Mas também não aposto no estilo esvaziado de sentido.

A família e o lugar de onde vimos fazem aquilo que somos no presente, como as suas personagens parecem provar?

Sim. Todo o ambiente onde crescemos e aquilo que nos rodeia constroem o que somos. Às vezes traumatiza-nos e paralisa-nos, outras faz-nos aprender a lição. Mais do que um escritor, sou um leitor de pessoas. É o meu passatempo que depois se transformou na escrita. A única coisa que quis fazer, uma vez que optei por ser o narrador, foi apresentar as personagens num presente e dar-lhes um passado para dar mais pistas ao leitor para que ele faça a sua ideia da sua construção.

E para lhe dar densidade, não?

A minha preocupação são as pessoas e só vou escrever sobre as pessoas, não vou escrever sobre mais nada.

O livro também é de uma tristeza enorme. O mundo é assim tão triste?

Sim. E isso nunca me sai da cabeça sem me paralisar. Ajuda-me a balizar o meu lugar no mundo pensar que esse mundo é triste, e triste no sentido em que nunca me esqueço das pessoas que realmente sofrem. Penso sempre nos que estão pior do que eu e nos que são melhores do que eu.

Rodrigo Guedes de Carvalho: uma melancolia terna e pessimista

A escrita de Rodrigo Guedes de Carvalho, que revela um profundo conhecimento da Literatura contemporânea, é límpida e ritmada.

O Pianista de Hotel



Rodrigo Guedes de Carvalho não publicava um romance há dez anos MIGUEL MADEIRA/ARQUIVO

Depois de um interregno de dez anos, Rodrigo Guedes de Carvalho publica agora *O Pianista de Hotel*, um romance poderoso e empolgante que é, essencialmente, uma reflexão profunda sobre a condição humana. A estrutura da trama segue as normas de uma peça musical com tema, refrão, ritmo, melodia e múltiplos intervenientes, cada um com a sua tonalidade própria. Tal como a melódica, que é um instrumento musical, mas também um híbrido, (objecto totémico, aqui) também as personagens e a história de *O Pianista de Hotel* estão repletas de ambiguidades, de saltos no tempo e de existências paralelas. Tudo se passa numa grande cidade (pode ser Lisboa ou qualquer outra) espaço fervilhante e inóspito — o músico de rua é a única nota amável na indiferença e agressividade reinantes — num universo quase distópico de alienação, de loucura, de raivas súbitas, de sexo incontrolável, alimentados por uma extrema solidão, pela clausura e incompreensão.

Maria Luísa, Luís Gustavo, Saul Samuel e o médico Pedro Gouveia são as personagens principais, pessoas perdidas, com dificuldades de relacionamento e traumas que vêm de longe, no tempo. Maria Luísa e Luís Gustavo são essencialmente solitários e propensos a conviver com fantasmas. Ambos ficaram aquém das expectativas, são seres cuja vida foi interrompida pelas circunstâncias: Luís Gustavo é enfermeiro mas poderia ter sido médico, Luísa queria ter estudado mas acaba a servir às mesas, num restaurante. Saul Samuel não se satisfaz com a sua existência de bailarino, numa discoteca, e Pedro

Gouveia põe em dúvida a sua missão como médico, o que lhe traz dissabores, no hospital onde trabalha. E se, como afirma repetidas vezes o autor, o corpo é o que é primeiro visto pelos outros — impressão fugaz e sempre enganadora — as personagens deste romance estão enclausuradas nesse colete-de-forças que é o nosso “invólucro mortal”, nas palavras de Shakespeare. Luísa, com o seu corpo fenomenal, demasiado belo para o seu sossego, é uma vítima da atracção fatal que exerce sobre os outros; Marco, o rapazinho em coma que tanto afecta Luís Gustavo, é na realidade, uma presa da morte; Maria Manuela, a mãe de Luísa, tenta desesperadamente lutar contra o tempo e o envelhecimento, num corpo que não lhe obedece — e as consequências são dramáticas; Saul Samuel não resiste ao anseio erótico que é, também, um triunfo da sua vontade em relação ao pesadelo que foi a sua infância. Neste livro, numa cidade que é selvagem e agressiva, em lugares claustrofóbicos — hospital, apartamentos, bares —, todas as personagens, de uma forma ou de outra, são vítimas ou predadoras.

Rodrigo Guedes de Carvalho revela, neste romance, um conhecimento profundo da Literatura contemporânea com ecos de Lobo Antunes, no que diz respeito à estrutura



das frases e a uma certa melancolia, simultaneamente terna e pessimista, e de Saramago, quando deixa a narrativa impregnar-se de um “realismo mágico” que serve, essencialmente, para criar tensão e incerteza. Outra referência poderá ser o autor americano Paul Auster — que relata constantemente o “tormento de estar vivo” e a angustia das escolhas — principalmente na forma como Guedes de Carvalho trata a ligação entre a cidade e os seus habitantes e, ainda, pela fluidez do tempo, a perturbadora (e ditatorial) força da memória e uma espécie de loucura que persegue as personagens.

Se este livro é essencialmente sobre a solidão, a perda, o luto, o envelhecimento e, finalmente, a morte — que corta cerce todos os anseios, todas as expectativas, todos os desejos — é também, uma história de amor, sentimento que surge aqui não como força redentora mas sim como possibilidade infinita, repetidamente gorada, mas tenaz na sua fugaz existência: Manuela poderia ter amado a filha, Luís Gustavo poderia ter amado Luísa, (e vice-versa), o doutor Pedro Gouveia transfere o amor pela filha para Luís Gustavo, Saul Samuel ama desesperadamente alguém que o não ama mas que, através dele descobre outro tipo de amor, etc. Na realidade, esta é uma história de impossibilidades repetidas, de actos falhados e de traumas (tão brutais como a violação ou a homofobia) que cerceiam a liberdade de escolha.

A escrita de Rodrigo Guedes de Carvalho é límpida e ritmada, com uma dose de mistério que mantém o leitor em suspenso. A acção desenrola-se sem ordem cronológica, em diferentes camadas, por vezes sobrepostas, e a obsessão dos protagonistas funciona como fio condutor em diferentes direcções. Tudo converge para o “pianista de hotel” que empresta o título ao livro, uma misteriosa figura, quase invisível — pode ser um virtuoso mas (quase) ninguém o escuta, é apenas uma “miragem” —, um ser discreto

cuja dimensão só é conhecida quase no final, num momento em que tudo parece fazer sentido. “Parece” porque a realidade — ou o que tomamos como real — estilhaça-se em permanência, deixando tudo em aberto, passível de ser interpretado de múltiplas formas. “O passado nunca está morto. E nem sequer é passado”, escreveu William Faulkner, num dos seus últimos romances. Em *O Pianista de Hotel*, as personagens carregam consigo o peso das suas vidas e o presente é, apenas, uma permanente fantasmagoria.

Crítica de Livros: Pianista de Hotel, de Rodrigo Guedes de Carvalho

01.07.2017 18:30 por Eduardo Pitta (Sábado)

Narrador autodiegético, Guedes de Carvalho intromete-se na narrativa com gozo evidente. Escreve Eduardo Pitta: "Percebemos logo nas primeiras páginas que é de solidão e perda que o romance trata"

Após um intervalo de dez anos, Rodrigo Guedes de Carvalho (n. 1963) regressa ao romance com *O Pianista de Hotel*. Sem surpresa, a prosa clara dispensa todo o tipo de malabarismos semânticos. Mesmo em *sottococe*, o autor impõe uma dicção própria. Foi assim nos romances anteriores e o timbre mantém-se inalterado. Narrador autodiegético, Guedes de Carvalho intromete-se na narrativa com gozo evidente. Percebemos logo nas primeiras páginas que é de solidão e perda que o romance trata. E que o faz sem rodriguinhos, antes com uma escrita segura, elegante, atenta à prosódia da língua: "Luís Gustavo nunca a conheceu, e pela vida fora quase nem falará dela, até que um dia começará a pensar nela, quando já seria tempo de a ter esquecido, as coisas estranhas que fazemos sem lógica."

Guedes de Carvalho é muito hábil na forma como articula os factos descritos com o carácter das personagens. Ao arrepio de tanta prosa contemporânea, a sua ficção organiza-se sem 'encenação'. Dito de outro modo, sem piscar o olho ao ar do tempo. *O low profile* é ilusório. Por várias vezes a narrativa deflagra em violência crua: "- Não passa de hoje vais dizer onde mora esse filho da puta". A trama envolve sexo, *bullying*, imprevistos hospitalares, homossexualidade (o episódio do supermercado é deveras polissémico), violência doméstica, disfunção conjugal, morte, psicanálise, etc. Em suma, a vida como ela é. No fim, tudo conflui para o mesmo ponto, um conhecido hotel da Linha de Cascais. A sólida arquitectura romanescas dá a medida dos recursos do autor. Coisa rara na literatura portuguesa, as cenas de sexo são plausíveis e, graças à utilização correcta dos verbos, bem esgalhadas.

Bem calibrado, o discurso não evita o vernáculo da oralidade. Poderá soar rude a espíritos mais sensíveis, mas nunca a linguagem comum foi decalcada de um missal. O fundamentalismo politicamente correcto vai torcer o nariz a certas passagens (a persona do autor potenciará esse condicionamento), mas a literatura não pode deixar-se capturar pela assepsia.

O menos importante de tudo é o pianista do hotel.

‘O Pianista de Hotel’, de Rodrigo Guedes de Carvalho: uma sinfonia de sensações

por Cátia Vieira 11 Março, 2018 em Críticas, Literatura

Rodrigo Guedes de Carvalho estreou-se no universo literário com a publicação do romance *Daqui a Nada*, em 1992; desde então, lançou *A Casa Quieta* (2005), *Mulher em Branco* (2006) e *Canário* (2007). Dez anos depois, Guedes de Carvalho escreve *O Pianista de Hotel*. Numa entrevista ao *Expresso*, em Maio de 2017, o jornalista português confessou que foi *Servidão Humana*, do escritor Somerset Maugham, o primeiro livro a conceder-lhe entrada a um mundo de sensações, às possibilidades infinitas e maravilhosas da literatura. Parece-nos que este é também o propósito da sua nova obra, *O Pianista de Hotel*. Tendo a música como o grande mote da narrativa, o último romance de Guedes de Carvalho, apontado por muitos como um thriller psicológico, despertará emoções e sensações antitéticas no leitor. Por um lado, o asco, a revolta, a frustração, o desalento e a exasperação espreitarão frequentemente; por outro, a esperança elevar-se-á também bem alto. Maria Luísa, Luís Gustavo, Saul Samuel e Pedro Gouveia são os personagens principais d’*O Pianista de Hotel*. Todos habitam a mesma cidade frenética, que poderá ser ou não a capital portuguesa. Ao longo do romance, haverá encontros e desencontros destes personagens, mas todos partilham traumas profundos e fantasmas, que os acompanham ininterruptamente. Pedro Gouveia, de luto eterno, descobre-se num impasse que questiona a sua carreira enquanto médico; Saul Samuel, bailarino numa discoteca, procura desesperadamente um escape; Luís Gustavo abraça a sua profissão de enfermeiro, sonhando constantemente com a medicina; e Maria Luísa, reluzindo a solidão e a dor da alma, gostaria de ter estudado. Porém, é servindo à mesa que ganha a vida.

O Pianista de Hotel é um romance que escreve o amor. O amor nutrido e aquele que ficou por nutrir. Maria Manuela, mãe de Maria Luísa, não soube amar. Fruto de uma sociedade que assinala a concretização amorosa como a grande finalidade da vida feminina, procurou o amor no sexo masculino e esqueceu-se de proteger e cuidar da sua filha. Esta obra é, sobretudo, um hino ao vazio que habita o indivíduo dos nossos tempos. Perdidos e solitários na grande cidade, acolhemos guerras interiores infinitas. Já familiarizados com elas, não as estranhámos. Não estranhámos a dor, a perda, a inquietação e a dúvida. Contudo, o último romance de Rodrigo Guedes de Carvalho, assumindo uma posição destemida e crítica, vai ainda mais longe. Não só discute os valores da medicina e do jornalismo, como toca questões tais como a pedofilia, o assédio, a violação e a violência doméstica. O universo d’*O Pianista de Hotel* é feio, mas é incrivelmente real.

Parece-nos, porém, que as quase quinhentas páginas deste romance são excessivas. O autor ocupa-se ocasionalmente de banalidades, que pouco acrescentam à narrativa, podendo o volume desta obra ter sido reduzido. Ademais, no que concerne à escrita, Rodrigo Guedes de Carvalho opta pelo abuso das repetições e do registo coloquial. Ainda que o propósito seja, quem sabe, a crueza e o pragmatismo da linguagem, roça por vezes uma excessiva informalidade.